

O Bouquet d'Angeja

(SEMANARIO)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Anno 1880, Semestre 750, Trimestre 375, Brazil 32000 reis. — Numero avulso no proprio dia 20 rs. Passado o dia 40 reis.

REDACTORES

RICARDO M. NOGUEIRA SOUTO E ANNIBAL VASCO LEÃO

ANNUNCIOS E COMMUNICADOS

Por linha 40, Repetições 20, Reclames no corpo do jornal 50 reis. — Os snrs. assignantes tem 25 por cento de abatimento.

SUMMARIO

A proposito das eleições.
O que Angeja deve á opposição.
Correspondencia de Lisboa.
Noticias d'Angeja, Paula Quaresma.
Piparotes, D. Fuas.
Secção litteraria:
Austerlitz, (continuação) J. F. de Vasconcellos.
Desejos, (poesia) J. Brites.
Um intrujão, (conto) Annibal Leão.
Uma partida de carnaval, (conto) Antonio de Lemos.
Folhetim, J. F. de Vasconcellos.

ANGEJA, 16 DE MARÇO DE 1887

A PROPOSITO DAS ELEIÇÕES

AS eleições, que acabam de dar-se, são altamente significativas por varias circumstancias que as revestiram. E n'essa significação encerrada debaixo de varios pontos de vista, desapaixoadamente, firmemente e sem-se-oz, fecundando principios do governo em beneficio da liberdade, o bom acolhimento, a confiança e as sympathias do povo portuguez a recomperem por uma forma eloquente para com o actual gabinete.

Senão, vejamos. Se folhearmos as paginas da nossa historia d'estes ultimos tempos, não nos é possivel deparar com umas eleições geraes feitas tão liberal e lealmente, sem as acompanhar um acordo previo.

Não houve motes a registrar, nem tumultos, nem prepotencias de auctoridades, nem protestos estrondosos.

O governo confiou o seu triumpho ao paiz e o paiz correspondeu-lhe generosamente.

Isto parece-nos querer provar que o governo tinha a consciencia dos seus actos, dos valiosissimos serviços prestados e dos grandes sacrificios em favor do paiz, e por isso achou desnecessaria a força, a violencia das auctoridades, a galopinagem emfim, que mais rebaixa que nobilita. Quiz no remanso da paz desfructar a gloria, que o povo lhe vinha voluntariamente trazer. Quiz o governo mostrar que a moral e o progresso não são extranhos á politica, antes se identificam com ella. Quiz provar ao paiz e á regeneração que as suas reformas dictatoriaes não foram coisa banal, anticonstitucional, antiparlamentar, como para ahí apreguou e quiz fazer persuadir aos incautos, essa rhetorica revolucionaria e esse facciosismo imprudente, muitas vezes abjecto.

Isto pelo que diz respeito ao governo. Com relação ao povo, a lição é por igual surpreendente! O povo mostrou por seu turno que o periodo dos rhetoricos já passou de moda; mostrou que aquelles, que pretendem sublevar as massas, inflammando-as, para derribar um governo honesto e activo, são os primeiros a serem desprezados e a serem postos na rua.

Mostrou emfim que os seus nomes ou o seu governo, são aquelles, que despidos de fidalguias, tem por lema o trabalho, — attendem ás suas reclamações e se identificam com as suas necessidades. Dura mas proficua lição essa para o partido regenerador. Dura, porque deita por terra os seus processos de propaganda até aqui usados; e proficua, porque os obriga agora a tomar outra orientação, que póde ser mais util a si e ao paiz.

Não é isto, porém, o que dizem os jornaes regeneradores, porque se deixam arrastar antes por um facciosismo irrequieto ou paixão que os

precipita do que pelo fallar occulto, mas quasi infallivel, da sua consciencia ou pela eloquencia dos factos.

Não será por elles ou por outros quaesquer jornaes que faremos o nosso juizo ou emittiremos a nossa opinião ainda que obscura, mas sim pela analyse dos acontecimentos, que se forem desenrolando, obedecendo em tudo ao plano que traçamos no primeiro numero.

O QUE ANGEJA DEVE Á OPPOSIÇÃO

QUANDO os povos conhecem quem os serve e os protege; quando encontram uma viração, que os auxilia e um guia, que lhes mostra o caminho a seguir, divisando além as vantagens d'um trilho de preferencia a outro; quando vêem d'um lado uma via tortuosa, esteril e sem saída e do outro uma orientação franca e definida, não ha força, que os impulsione a seguir aquella de preferencia a esta, nem ha ameaça que os intimide, nem vingança, que os afrouxe, nem argumentação, que os convença. N'estas condições a sua consciencia entregue á sua propria acção como uma bussola, não se engana na escolha do seu norte. E' a eloquencia dos factos que alcança a victoria.

N'estes ultimos tempos, o proceder dos povos d'Angeja e de todo o concelho d'Albergaria parece querer garantir a veracidade d'estes principios. Depois que viram que não estava bem depositada a cega confiança que dedicavam a seus gerentes, e logo que reconheceram que, devido a um abuso de predominio individual, podiam ser induzidos a comprometter os seus interesses lo-

caes e mesmo algumas das suas commodidades no futuro, mudaram de rumo, devido a um acto de melhor reflexão, alistando-se sob uma bandeira mais ampla e leal, onde se vêem inscriptas as palavras — trabalho, gratidão e tolerancia, e onde melhor satisfação encontram para as suas aspirações, embora modestas e justas.

Principalmente a Angeja parece ter sido escolhida para alvo de desconsiderações e mesmo de insultos da actual opposição, sem todavia ella lh'os merecer.

Todos sabem que Angeja é a localidade, que mais tem concorrido para a sustentação do concelho e para a criação de bemfeitorias, algumas superfluas; porém ninguém ignora que ella tem sido a menos contemplada por quem tinha obrigação, se desejava ser grato, de mais contribuir para o seu melhoramento material. Angeja nada deve á actual opposição; esta é que lhe é devedora do concurso, que aquella lhe prestou, por largos annos, para melhor conseguimento de seus fins, alguns bastante caprichosos; deve-lhe a não construção d'um cemiterio aqui ha meia duzia de annos, o qual já tinha principio; deve-lhe o ridiculo em que a fez cair a proposito de um celebre subsidiô o qual nunca appareceu e que obrigou a fazer figuras tristes.

Angeja recebeu alguns beneficios importantes do municipio; porém ninguém osará dizer que foram determinados e realizados por pessoas, que constituem a actual opposição. Não queremos com isto dizer que essa opposição, quando governo, não fosse activa, não prestasse serviços. Não queremos dizer isto, entenda-se. Prestou serviços e bastante valiosos, sobre tudo abrindo estradas; mas a distribuição d'esses serviços é que não era equitativa.

FOLHETIM

O noivado d'aldeia

(A. A. F. V.)

(Continuado do n.º 1)

IV

— «Ani vêm!» — Os noivos juntaram-se!
ambos muito garridos!
flôr os dois enfeitaram-se
a traz niveos vestidos...

simples, mas são tão bellos!
no luz o ouro no seio
o pulsar quantos anhelos
nae n'um só anseio!

bellos, lindos cabellos
que vão quasi a sotiar!
no despertam ao vê-os
seio de os oscular!

Da noiva as faces rosadas
vê-las de perto faz gosto,
que nem as tem tão córadas
a ceifeira em mez d'agosto.

E elle ao pé todo janota,
a faixa nova e de côr,
de quando em quando uma nota
vai afinando d'amor.

E ella toda donairoza
sorri-se um pouco e olha ao lado...
o que a gente curiosa
não deixa de ter notado.

V

Foram ambos para igreja
e aos pés lá do confessor,
se liga quem se deseja,
se liga quem tem amor.

E, findo o officio divino,
o abbade os abençoou,
ao som alegre do sino,
que mão amiga tocou.

VI

Lá sae tudo, rompe a turba
em cheio pelo portal...
range o chão e além se acurva,
por alheio a um peso tal.

Pelas quebradas d'aldeia
vem golfando a multidão:
mais d'um joven se meneia,
tendo dado o coração.

Mais d'um velho se alegrára
co' esta festa pouco usada:
muita moça imaginára
poder ser-lhe dedicada.

Pela aldeia ha cem descantes:
tocam flauta e violão
e alguns rapazes galantes
guitarra tocando estão.

Uns dançam, bailam contentes,
os outros estão a vêr:
de todos estes presentes
nenhum se vê smorecer.

Alguns pobres de muletas,
mesmo sem tento na bola,

vão tocando castanhetas,
para imitar a hespanhola.

E' tudo alegria e festa
por esse eirado d'aldeia!
do sol, que a pelle lhes cresta,
ninguém alli se receia.

Mostra a noiva a linda bota
ao rodar da saia assim...
assoma além um janota
a tocar no bandolim.

O noivo aperta-a nos braços,
bailando em roda, ao redor...
e parece co' os abraços
morrer por ella d'amor.

As jovens soltas as tranças
têm pelo muito dançar
e entre ellas lindas creanças
as querem logo imitar;

e, formando entre si par
nem querem ao sexo
lançando aos outros
fazem rodar o seu par.

Angeja nada lucraria então, só com a desconsideração não obstante contribuir em larga escala para o engrandecimento das outras localidades. Não pretendemos com estas considerações censurar ninguém, muito outra é a nossa missão; pretendemos sómente passear a vista de relance por cima d'esses factos, que convem fixar na memoria e que venham justificar a attenção que d'ora ávante é necessario dedicar a Angeja, reparando faltas, que é vergonhoso exporem-se aqui. Uma igreja ameaçar ruina, prestes a sepultar com seus escombros toda a população, é lamentavel e imprudente. Uma terra d'estas, onde não existe uma fonte decente, é caso extraordinario e irrisorio! Ser a segunda povoação do concelho e não ter um cemiterio, fazendo-se os enterros em volta da igreja, no coração da villa, é espantoso e rebaixa-nos.

Tudo isto é repugnante e prova exuberantemente o ostracismo a que a Angeja foi lançada pela actual opposição, quando por largo tempo dominante. Não se encontrará n'estes factos a razão fundamental da nova orientação politica em Angeja? A nós quer-nos parecer que sim. Procedendo d'outra maneira seriamos insensatos ou inimigos dos interesses locais.

CORRESPONDENCIA DE LISBOA

SAO, presentemente, as candidaturas por accumulção o assumpto mais palpitante de curiosidade.

Póde a marcha dos acontecimentos surprehender-nos improvavelmente. Não erraremos porém muito, accentuando que o triumpho é pleiteado entre o sr. Dantas Baracho e um ou outro dos candidatos propostos pela executiva do partido regenerador, e sentenciando definitivamente perdidas as outras candidaturas.

Entre estas, ha votações honrosas, que cumpre registrar. Impotentes embora para vencerem, mostraram eloquentemente como não era infundada a concepção do legislador, que abriu campo á conquista da popularidade e dos suffragios do eleitorado fóra da chancellaria partidaria. E já por aqui póde inferir-se o alcance salutar dos fructos educativos, que na pratica do nosso regimen politico haviam de affirmar este principio, se rectamente comprehendido e fielmente excoutado.

Mas de hontem ainda a lei, e já hoje nos salteia um vago e importuno receio.

Nem todos os candidatos que a executiva propoz aos suffragios do paiz, tinham a sua popularidade já conquistada no parlamento, ou fóra d'elle, pelos seus trabalhos, pelas suas aptidões e talentos provados no serviço do mesmo paiz?

Abstemo-nos de entrar n'este ponto, largamente commentado pela imprensa progressista.

VII

E' tudo festa! alegria
n'este folgado lugar!
nem já vêm que é meio-dia
e são horas de jantar.

Mas como? se as cosinheiras
pasmaram todas alli?
d'essas lides caseiras
se lembra acaso quem ri?

Mas assim n'estas demoras
a dança vai a affrouxar
e vêm então que são horas,
são horas já de jantar.

Logo evacuum o eirado
jovens e jovens cançados,
creanças tendo brincado
momentos folgados,

tendo tocado,
cançado tendo,
folgado,
fazendo.

mulheres, matronas
alli também

Queremos até achar natural o procedimento que a commissão adoptou n'esta escolha. E' sabido quão variadas são as causas do enfraquecimento das collectividades partidarias. Ante a questão magna da chefatura, agravaram-se as rivalidades e os antagonismos. Todos querem ter um candidato seu, para o que der e vier. Exactamente como no tempo das ordenanças, em que todos tinham em casa um chugo ou um arcabuz de roda, também para o que desse e viesse.

O que se nos antolha mais digno de reparo, mais tristemente significativo, é que, não consentindo a lei mais que seis deputados por accumulção, são todavia sete os candidatos regeneradores!

Esta lucta travada no seio do proprio partido, levada até a ancía de ver qual dos partidarios ha de ficar estabelado na arena, lucta dissociante, encarnçada, ingente, em que cada um excogita e logo busca todos os meios e expedientes de salvar o seu apasiguado, não denuncia evidentemente uma grande indisciplina, uma grave desorganização partidaria, perigosa para as instituições!

Tem o partido regenerador as suas tradições gloriosas, os seus brazões immarcessiveis. E' também essencial que, além do partido representado nos conselhos da corôa, outro exista e se mantenha firme e unido, para servir a causa da votação politica, que é a essencia do regimen que nos governa.

Foi, de facto, enorme a sua perda com a morte do sr. Fontes; mas, a nosso ver, isto não basta, porque ante os destinos de uma nação não ha ninguem absolutamente necessario, por mais culminante e grandiosa que fosse a sua personalidade.

Por outro lado, é certo que esse partido está-se exhibindo em espectáculo de inanición e de esphacelo, precisamente na execução de uma lei eminentemente salutar, a um tempo moldada para arregar a disciplina e para imprimir unidade e cohesão nos partidos militantes. Mas o nosso receio não vai ao ponto de acompanharmos os que d'ahi imperem a dissolução do partido, ou a inanidade da lei.

Consideramos a presente conjunctura como uma crise meramente accidental e passageira, semelhantemente a essas crises que a cada passo se accentuam assim na ordem moral, como na ordem da natureza.

Se até crentes da velha *astrologia*, de certo procurariamos no céu a chave d'estes enigmas da terra. Essa reciproca e voraz trindadeira em que lidam esses caudillos da regeneração, seria uma fatalidade do planeta que preside aos destinos do anno, do Deus atrevido, d'essa terrivel Saturno, que, para não ser comido, e forte para comer os outros, papou até os proprios filhos.

Entre os julgados municipaes a crear, consta que está resolvida a criação d'um em Albergaria Velha.

Será mais um acto de imperiosa justiça, que illustrará a gerencia do honrado e nobre ministro.

Depois de uma rapida excursão a Coimbra e a Aveiro, regressou ha dias a esta cidade voltando ao exercicio das suas funções, o sr. dr. Francisco de Castro Mattoso Corte-Real, muito digno juiz d'esta Relação, e sem duvida um dos representantes mais sollicitos e prestimosos, que o circulo de Aveiro tem tido em cortes.

Até á hora em que escrevemos nada ainda consta sobre os primeiros symptomas do feliz successo de S. A. a sr. duqueza de Bragança. Lisboa, 14 de Março de 1887.

dançavam mui folgasonas,
que a folga d'outros lhes vem.

E' os homens de meia-idade
tambem quizeram folgar:
cedo porém na verdade
lhes lembrou mais o jantar.

Cada qual a sua casa,
foram depois recolher,
na anciedade que os abraza
de as festas de tarde ver.

VIII

Passa-la apenas uma hora,
para facil digestão,
não dá aos noivos demora
o pulsar do coração.

IX

Tinham jantado na sala,
onde alegres convidados,
n'uma livre e solta falla
se mostravam animados.

ANGEJA

Procedeu-se no dia 6 d'este mez á eleição de 3 deputados, sendo esta assembleia composta de Angeja e Frossos.

Durante o acto da eleição, reinou sempre a maxima ordem e socego, sendo sempre respeitada a lei e a ampla liberdade da urna.

Os partidos militantes tinham-se combinado. Parabens a todos. O resultado da urna foi o seguinte:

O conselheiro Ignacio Francisco Silveira da Motta 438 votos
Bacharel Albano Ribeiro de Mello 154 »
Dr. Antonio Candido Ribeiro da Costa 154 »
Conselheiro José Dias Ferreira 154 »
Julio de Vilhena 24 »

—Procedem morosamente os preparativos para principios das obras da igreja, que tantos reparos precisa.

A junta de parochia tracta do orçamento que foi hontem entregue ao muito digno administrador d'este concelho d'Albergaria, para com a sua informação ser submettido á aprovação superior.

Muito bom seria que se activassem os trabalhos, mesmo para desenganar dos incredulos, que ainda não creem no subsidio de 2 contos de reis, que o governo concedeu para as obras da igreja d'esta freguezia d'Angeja, a pedido do ex.^{mo} sr. dr. Casto, que ainda muito boas esperanças nos dá de mais obter.

O nome do ex.^{mo} sr. dr. Augusto Maria de Castro, que já é contado no paiz, como um dos primeiros jurisconsultos, e um distinctissimo empregado, que ha pouco mereceu ser elevado pelo governo de S. Magestade ao cargo de Procurador Regio, nunca poderá ser esquecido, nem riscado da memoria dos habitantes d'Angeja, onde tem tantos amigos dedicados.

O sol do progresso, e dos melhoramentos materiaes que ha mais de 50 annos offuscou e paralisou, apoz a suppressão d'este concelho, esta terra d'Angeja, começará agora a raiar esplendido e brilhante, e aquecerá e illuminará a todos os habitantes d'esta freguezia, que pesarosos do despreso que immercidamente tem fulminado esta terra, esperam conseguir do ex.^{mo} sr. dr. Castro, a reparação a mais justa e condigna.

O amor é a lei do Evangelho; da união nasce a força, tenhamos todos uma só vontade, o progresso material d'Angeja;

Que jantar tão abundante,
lhes foi aquelle jantar!
que tinto vinho espumante
lhes foi a festa regar!

Tantos pratos e guizados!
que loiro, assado leitão!
que manjares desusados!
que boroa e tanto pão!

Que toalha tão lavada
n'uma meza tão cumprida!
tanta coisa misturada!
como fumega a comida!

Tantos copos! que tigelas
com pimentos e azeitonas!
como desafiavam ellas
os moços e as mocetonas!

E tanta moira! linguica!
que azeitado salpicão
e que cosida chouriça
na sopa de macarrão!

Que barulho em toda a roda,
depois da sopa comida!
e cada um á sua moda
se vai deitando á bebida!

geja; demovamos, e para sempre, umas indisposições velhas, e muitas até sem fundamento, que por ahí ha, combatamos o orgulho, e escolhamos todos por nosso protector e advogado, o sr. dr. Castro, que tão bem conceituado está, como uma grande intelligencia, um espirito perspicaz, profundamente observador, e que se não deixa perturbar pelo tumultuar das paixões.

O sr. dr. Augusto Maria de Castro, nunca se cansará de engrandecer, e melhorar esta linda terra d'Angeja, que é sua, e hade vir a ser dos seus filhos, tão distinctas e gloriosas tra licções representa como brevemente se lerá no nosso jornal o «Bouquet d'Angeja».

Paula Quaresma.

PIPAROTES

(Ao bom successo de S. A.)

'Stamos todos á espera
d'ouvir troar o canhão
e andamos desinquiets
por causa d'esta funcção.

Os caloiros querem ferias,
os empregados sueto,
45 os soldados,
para jantar mais selecto.

Já tem dito tantas vezes
que a princeza vai parir,
que a muitos já em engano,
por acaso, fez cair.

'Studentes que ouvirem tiros
dar na Serra do Pilar
creram logo que a princeza
lhes iria as ferias dar.

E afinal bem se enganaram,
crendo as salvas a estourar:
era Caçadores 9
que se estava a exercitar.

Mas visto que ainda a princeza
bom successo ter não quiz,
cumprirá que nos attenda
ao dar á luz o *petiz*:

porque, para bem de todos,
uma coisa nos importa:
que a nossa augusta princeza
não tenha a crianca morta.

Ah! se acaso isto succede,
é mui grande decepção
e estas nossas esperanças
não passavam d'illusão.

Ao nascer do alto *petiz*,
outra coisa aqui distingo:
e é que sua nobre mãe
não vá paril-o ao domingo.

Pela mesma razão pedimos
que o não pára em dia santo,
dia de gala ou nas ferias,
que já se approximam tanto.

S. A. pode attender-nos,
concedendo tal mercê:
escuso é o fim dizel o,
que todos sabem p'ra qué.

D. Fuas.

Que saudes se faziam
a ambos os noivos e aos pais!
e a todos os que comiam!
e aos de fóra e a muitos mais!

X

E á sobremeza! que fruta!
que laranja! que cereja
ao morango a cór disputa!
como a péra faz inveja!

Como são bellos os fructos!
e numerosos que são!
que bellos são os productos
d'esta formosa estação!

Como estando tão folgados
todos comem mui d'assaz
n'este momento apressados!
e nada apressar os faz!

E' domingo! dia santo
em que repousa o Senhor!
e não é muito nem tanto
que repouse o lavrador!

(Continúa) J. F. de Vasconcelos

AUSTERLITZ

(Continuado do n.º 1)

DO fundo da sua rocha solitaria, Napoleão Bonaparte certamente odiaria a Inglaterra, que com o seu ouro lhe tinha posto em frente os soldados de Francisco José, do rei da Prussia e do czar Alexandre I e por ultimo os seus proprios na batalha de Waterloo; porém, ás suas maquinações nas côrtes europeias, em que a invasão napoleonica ainda em absoluto não tivera logar, ameaçando todavia a côrte de S. James a cada passo, com o dominio universal, e á iniciativa que tomou de semelhante perigo, deveu Napoleão a victoria de Austerlitz, que só de per si o tornaria immortal.

Para ameaçar a Inglaterra, conservava o novo imperador em Bolonha um exercito, que pomposamente chamava exercito d'Inglaterra, porque com elle tencionava desembarcar na ilha e tomal-a pelo mesmo systema d'invasão, que observou em Hespanha e Portugal e outros paizes, nos primeiros dos quaes lhe custou bem caro.

Os soldados d'este phantastico exercito, destinado a cumprir uma missão, que o proprio recém-coroadado considerava irrealisavel, passavam de uma vida alegre no acampamento de Bolonha. Uns conservavam boas esperanças de conquista da orgulhosa Bretanha e consideravam-se com boa parte no saque, que era seu costume fazer nas terras á sua mão; outros iam comendo e passando o melhor possivel, suppondo absurdo o plano de desembarcar na costa franceza.

O exercito, durante a sua longa demora em Bolonha, formou uma cidade romanesca de cabanas, tendo cada uma um jardimzinho, ornado de plantas e flôres: tinha além d'isso gallinhas, pombos e coelhos e isto junto com um gato e um cão constituia a familia de cada soldado.

Napoleão Bonaparte, imperador havia menos d'um anno, pois fôra sagrado pelo pontifice Pio VII a 2 de dezembro de 1804, cerimonia a que ligára immensa importancia, porque queria sêr aos olhos dos outros monarchas, tambem um soberano, tão legitimo como elles e não um usurpador, desejava que o seu novo titulo fosse reconhecido pelas côrtes do norte da Europa.

O rei da Prussia foi o primeiro a reconhecer Napoleão, revestido de dignidade imperial, porém não sem que a côrte de S. James interpozesse obstaculos em Berlin, como em Petersbourg e Vienna, pelo ascendente que tinha, n'estas capitães. A casa d'Hanovre, recentemente elevada ao throno por uma revolução popular, inspirava repugnancia ás veias raças reaes pelo fundador da nova dynastia dos Bonapartes.

Napoleão escreveu a Jorge III em termos pacificos sobre o assumpto, mas o rei d'Inglaterra estava pouco disposto a consentir no parentesco politico de *Monsieur mon frere*, que Bonaparte queria ter com elle.

Os ministros inglezes tratavam de formar uma nova colligação e por circumlocuções diplomaticas escaparam-se a uma resposta formal e positiva sobre a questão proposta pelo novo imperador.

A Inglaterra accendia secretamente a guerra e Napoleão sabia-o, porém não temia a sua declaração, porque tinha gente que oppôr-lhe, soldados valentes e aguerridos e sem

ferir o animo do povo francez, que tivera conhecimento das disposições pacificas do seu imperador e criam portanto a guerra, como declarada de Inglaterra.

Napoleão contava com o apoio, que lhe dava o zelo do senado e a fidelidade do povo e no meio dos seus preparativos militares não se esqueceu de que o que trazia a coroa-de-ferro de Carlos Magno, não podia ser presidente da Republica Cisalpina e por isso a 26 de maio fez coroar-se em Milão rei d'Italia, annexou Genova á França e aboliu o regimen republicano, que elle proprio fundára ou renovára na Peninsula italiana.

Imperador e rei, devorava-o a sede de ataque á Inglaterra, que com a Austria, Suecia e Russia tinham formado uma liga contra o iniciador da dynastia dos Bonapartes e, aproveitando-se sabiamente da desintelligencia entre os gabinetes de Madrid e S. James, assignou em Aranjuez uma convenção, pela qual a Hespanha punha á disposição da França uma grande parte das suas forças maritimas, que, reunidas ás que o imperador tinha disponiveis, quando pedia a paz a Inglaterra, perfaziam um exercito de 193 mil homens, uma frota de 69 vasos de linha e mais 2 mil navios de transporte e de guerra, fragatas, corvetas e bateis, todos armados e prestes para o Tâmesis.

A Russia quiz entrar na questão com meios pacificos, mas a côrte de S. James cortou-lhe os meios e desde então a ruptura entre o novo Imperio e as primeiras potencias da Europa tornou-se infallivel.

A Prussia tinha ficado neutra á colligação que as potencias de primeira ordem tinham feito contra Bonaparte e em virtude d'ella a Austria invadiu a Baviera com 80 mil homens, commandados pelo archiduque Fernando, enquanto 30 mil homens ás ordens do archiduque João occupavam as posições vantajosas do Tyrol e o principe Carlos ia para o Adiga á frente de cem mil combatentes.

Napoleão ordena immediatamente a reorganisação das guardas nacionaes e o recrutamento, que elle chamava conscripção, feito pelo senado, de 80 mil homens: do campo de Bolonha ameaça ainda a Inglaterra e ordena o seu levantamento e dirige as suas intrepidas phalanges para o Rheno.

Foi então que os soldados, que viviam vida folgada, se despediram com saudade dos seus animaes e das suas cabanas e se retiravam cantando alguns versos d'uma cançoneta que Barre, Radet e Desfontaines, poetas e actores do theatro das *Vaudevilles*, (modinhas populares), tinham composto, em memoria do caso, intitulada «Despedida d'um Granadeiro no campo de Bolonha» e pela qual receberam duzentos napoleões de ouro ou 400 fr., segundo o testemunho d'um coronel francez, residente em Paris, que narrou em cartas datadas d'agosto, setembro e outubro de 1805 a um nobre, seu amigo, em Londres, todos os acontecimentos que sabia, de fonte limpa ou ocularmente, succedidos em S. Cloud, na referida época.

A seguinte traducção é do portuguez J. J. Pedro Lopes, que verteu para o nosso idioma as mesmas cartas, escriptas em Pariz, mas na lingua ingleza, dadas á luz em Lisboa, no anno de 1810, em que Napoleão estava ainda no fastigio do poder:

Toca o tambor e cumpre que partamos,
a outra parte nos chamam;
de louros nova seara colher vamos.
Se assaz loucos inflamam
os Britanos a guerra na Allemanha,

mal d'elles, bem de nós; eia! marchemos,
marchemos p'ra a campanha.

As do exercito nosso acções-brilhantes
já o fazem celebrado;
alli o tem suas armas fulminantes
a vencer costumado;
vão alli triumphar nossos guerreiros,
alli é onde com certeza colhem
louros os granadeiros.

Adeus! caro jardim, que hei plantado!
adeus! bella choupana,
que por minhas mãos tenho edificado!
já que a minha cabana
cumpre deixar e as armas tomar prompto,
vou morada assentar além das raia,
de novo a guerra affronto.

Adeus! líparos meus e meus pombinhos!
adeus! gatinha esperta!
fica! fica sem mim! ah! coitadinhos!...
porém tu, sempre alerta
me segue, cão fiel; da minha gloria
serás o companheiro em todo o tempo:
o teu nome é *Victoria*.

A vós não digo adeus, barcos e lanchas,
que, de canhões armados,
deveis conduzir, bem como em pranchas,
nossos bravos soldados:
vós, não vos alegreis tanto, senhores,
do Tâmesis, pois só poucos instantes
tardam nossos rigores.

Eis uma traducção do extracto da cançoneta, que iam cantando os granadeiros na sua partida para o Rheno; não era porém só isto o que havia, porque, a respeito dos boatos de guerra com a Austria outro trovador, Richaud, que já havia cantado em tempo Marat e Robespierre, offereceu a Bonaparte, na tarde precedente á sua partida para Strasburgo uma poesia, por que foi presenteadado com uma bolsa, cheia d'ouro e uma ordem para Champagay, ministro do reino, para o empregar na secretaria, até ser melhor provido:

Reis! que, vencidos tantas vezes, nescios,
ameaçais inda o vencedor na França,
fitai agora os olhos e, confusos,
vendo o seu esplendor, perdei a esp'rança.

Que orgulho deploravel, insensatos,
vos pôde inda iludir? se a tempestade
irraciã, oh! tremei! já parte o raio,
que ha de somegar a vossa liberdade.

E tu, Napoleão, se este guerreiro
povo á victoria conduzir releva,
vai, que a Europa bem vê, da gloria ao louro
a oliveira antepôr tua alma enleva.

Sim! a novas façanhas te appellida
o valor dos francezes provocado:
diz uma só palavra e Vienna, em sustos,
verá nosso estandarte em si plantado.

Outros muitos poetas, n'esta como em outras occasiões, se aproveitavam do bom genio e generosidade de Napoleão, que, por desejo de brilhar e de vêr inflamado o animo dos soldados, com a recitação de taes poesias, se não esquecia certamente da antiga Messenia, de Tyrtou, poeta, coxo e general e da orgulhosa e ludibriada Sparta.

E' caso de dizer, como Garrett: quem déra cá um batalhão de Napoleões como aquelle!

Se o immortal auctor do Fr. Luiz de Souza queria milhões de Dantes, não mais bastava, que vêr realiado isto, para haver em Portugal seis milhões certamente de Saphos, Coninnas, Pindaros e Petrarcas!

Com o animo exaltado por estes meios é que os granadeiros de Bonaparte, n'uma marcha mais rapida e fulminante que as antigas de Cesar levantaram campo e em vinte dias o exercito d'Inglaterra, com o do Hanovre e da Hollanda passava do oceano ao Rheno.

Passado este rio, Bonaparte dirigiu a seus exercitos uma proclamação contra a côrte de Vienna:

«Soldados! está começada a guerra da terceira liga. O exercito austriaco passou o Ynn, violou os tratados, atacou e expulsou da sua capital o nosso alliado... Soldados! o vosso imperador está no meio de

vós; vós não sois senão a vanguarda do grande povo; se fôr necessario, levantar-se-ha elle todo á minha voz para confundir e dissolver esta nova liga que foi tecida pelo odio e pelo ouro da Inglaterra.»

(Continúa.) J. F. de Vasconcellos.

DESEJOS

Quem me dera ser a rosa
Do teu jardim perfumado,
Podia sempre orgulhosa
Vêr teu rosto immaculado.

Quem me dera ser o lyrio,
Que tu colhes sem receio,
Verias com que delirio
Te aromatisava o seio.

Queria ser ave cantora,
Que percorre o arvoredor,
Junto a ti, a toda a hora,
Cantaria o meu segredo.

O meu sonho, pensamento,
O meu desejo constante:
Era ver-te a todo o instante,
Olhar-te a todo o momento.

Mas já que esta ventura
Não me é dada, creança,
Dá-me ao menos uma esp'rança,
Dá-me um olhar de ternura,

Que será uma bonança
No mar feroz da tortura,
E um remedio que lança
As bases da minha cura.

J. Brites.

Um intrujão...

(de Antonio de Lemos)

O conde de Maubert estava no seu gabinete de trabalho escrevendo cartas, quando entrou um criado com um bilhete de visita em uma salva de prata.

—Senhor conde, disse elle, está um sujeito na ante camara que deseja fallar com v. ex.º; eis o seu bilhete.

—Rogerio de Malbry, leu o conde; não conheço; manda entrar.

—Que me quererá este massador? murmurou de Maubert depois do creado sahir; naturalmente vem pedir dinheiro; pois bate a má porta. Não me deixo roubar.

—O senhor Rogerio de Malbry, annunciou o creado curvando-se respeitosa e á passagem d'um elegante mancebo, formoso como um Adonis, louro, tez pallida, olhos azues bigode graciosamente retorcido, dentes magnificos, mãos e pés aristocratas e um porte distinctissimo, embora um pouco pedante. Entrou desembaraçadamente, pouzou o chapéu e a bengala sobre uma cadeira e dirigindo-se ao conde com a mão estendida e um sorriso nos labios exclamou:

—Senhor conde, tenho muito gosto, muitissimo prazer e muita satisfação em o ver de saude e em o conhecer; e ao mesmo tempo Rogerio apertava as mãos de Maubert com um enthusiasmo delirante.

O conde, muito encavacado, olhava para Rogerio como se olha para um doido.

—Tambem tenho muita honra em conhecer o snr. de Malbry, disse elle; e se v. ex.º deseja alguma coisa do meu fraco prestimo, tenha a bondade de o dizer, pois supponho que o meu amigo não me veio procurar com o unico fim de me ver.

—Oh! certamente! Certamente... —Mas, sentemo-nos; interrompetu o conde offerecendo um cadeira a R.

— Poderemos conversar mais á vontade.

— O senhor conde...? perguntou Rogerio, puxando por uma linda charuteira de madreperola com incrustações d'ouro.

— Fumo ás vezes, por desfastio.

— Muito bem, se me dá licença fumarei um charuto.

— Pois não; á vontade!

— Como ia-mos dizendo, cantou Rogerio lançando uma enorme fumaça pelo nariz.

— Perdão, interrompeu o conde, não diziamos nada.

— Ora essa! Então v. ex.^a não me ouviu fallar em charutos? Olhe, senhor conde, faz bem, faz muito bem em não fumar senão por desfastio; e até talvez fizesse melhor em se deixar de chupar charutos; é uma chuchadeira e o invento mais terrível que veio ao mundo; estraga a saúde, faz emagrecer a bolsa, torna-nos...

— O meu caro senhor, interrompeu o conde, v. ex.^a veio aqui para me fazer prelecções sobre os resultados funestos que traz consigo o fumo?

— Não, senhor! Eu vinha para outra cousa.

— Mas, explique-se; eu tenho que fazer... não posso...

— Bem, bem; vou explicar-me.

Senhor conde de Maubert, eu adoro uma formosissima donzella, um anjo de castidade, um archanjo que desceu do céu á terra, um cherubim, uma pérola, um bijou, um... enfim uma mulher a quem desejo desposar.

Essa joven ama-me tanto quanto eu a amo, não se oppõe em dar-me a sua mão, antes pelo contrario, deseja-o immenso.

Eu, senhor conde, sou immensamente rico, d'uma nobre familia...

— O senhor! exclamou de Maubert, que tenho eu com tudo isso?

— Que tem? Muito, muito; porque só de v. ex.^a é que depende a minha união com essa donzella, a minha felicidade... ou desdita.

— De mim é que depende... o senhor está doido, com toda a certeza, está doido varrido?

— Agradeço o elogio; mas é mal cabido.

— Por Deus, senhor! Peço-lhe para que diga categoricamente o que deseja.

— Senhor conde, exclamou Rogerio levantando-se, tenho a honra de pedir a v. ex.^a a mão de Mademoiselle Paulina de Maubert, sua irmã.

— Hein! O quê! berrou o conde encolerizado; pois o senhor atreveu-se... atreve-se a levantar os olhos para a descendente d'uma das mais fidalgas familias da França?

— Perdão, caro conde; não levantei os olhos, baixei-os, porque Mademoiselle de Maubert é mais baixa que eu.

— Ah! ah! ah! ah! riu o conde deixando-se cair n'um fauteuil, essa é que eu não esperava, que grande ratão; apaziguou a minha cólera com uma só palavra! O senhor tem espirito; infelizmente, não lhe serve de nada; porque não consinto n'esse casamento.

— Não consente! Pois o senhor nega a mão de sua irmã ao filho do Marquez de Malbry; ao herdeiro de 12 milhões de francos! Isso não pôde ser; só se o senhor perdeu o juizo!

— Ah! exclamou o conde, v. ex.^a é filho do marquez de Malbry?! Não sabia, confesso-o, e peço desculpa...

— Não ha de quê! — interrompeu Rogerio, não ha de que pedir desculpa. Então, consente ou não consente?

— Espere um bocadinho, respon-

Appareceu um criado.

— José, manda dizer a mademoiselle de Maubert que desejo fallar-lhe immediatamente.

— Hein! exclamou Rogerio; não faça tal! Não quero! Não posso...; é melhor v. ex.^a fallar-lhe quando eu me retirar, porque... com franqueza... não sei...

— Essa agora! Que diabo tem o senhor? Está atrapalhado! Isso é nervoso? Ora deixe-se de creancisões; não tarda ahí Paulina e realmente é exquisito que ella o veja n'esse bello estado de atrapalhação. Olhe, ahí a tem.

Effectivamente abriu-se um reposteiro e uma graciosa joven correu para de Maubert e lançando-lhe os braços ao pescoço, exclamou com uma voz suavissima:

— Que me queres tu, querido irmão? E' para me ralhares? Ou... Ah! fez ella vendo Rogerio; o sr. Rogerio aqui? Desculpe, não o tinha visto! Diga-me, quaes são as modas mais bonitas que se usam? Veio alguma novidade? Sabe? Outro dia não fiquei satisfeita consigo. Ia tão mal arranjada... não faz ideia... mas que tem? Falle!... está pallido... vai desmaiar... Julio... olha o sr. Rogerio... acode-lhe...

— Está doente?! exclamou o conde muito pasmado com o que via e ouvia, que tem?

— Nada... não tenho nada... murmurou Rogerio pallido como um cadaver, uma vertigem... mas, já passou e se me dão licença retire-me...

— Retira-se? Depois de aqui estar Paulina? Sem nos explicarmos a respeito d'aquillo em que me fallou? Tenha paciencia ha-de...

— Oh! não! não! amanhã...

— Mas, que ha? perguntou Paulina, que mysterio é este?

— E' o senhor Rogerio de Malbry...

— De Malbry! exclamou Paulina.

— Sim, este senhor, que veio procurar-me para me pedir a tua mão...

— A minha mão! O que! O senhor Rogerio Moré atreveu-se...

— Ah! ah! ah! ah! por isso elle estava pallido...

— Que brincadeira é esta?! exclama o conde dirigindo-se a Rogerio; o senhor chama-se Rogerio de Malbry ou Rogerio Moré?

— Ama Paulina e é correspondido por ella;...

— Correspondido!... tá, tá, senhor meu irmão veja o que diz.

— Perdão, murmurou Rogerio; eu troquei o meu nome plebeu por outro aristocrata porque como tencionava pedir ao senhor conde a mão de Mademoiselle Paulina, imaginei que a não recusaria dizendo-lhe que era filho do Marquez de Malbry; mas, tambem não imaginei que mandasse chamar Mademoiselle de Maubert enquanto eu estivesse presente. Ora, depois de eu ter a palavra do senhor conde em como consentia n'essa união, com certeza que não faltava a ella porque n'um verdadeiro fidalgo não retira nunca a palavra dada. Alem d'isso, quando Mademoiselle Paulina ia a minha casa ou me mandava chamar, parecia-me que lhe não era indifferente, e naturalmente já devia ter conhecido nos meus olhares a paixão que me minava a existencia. Nunca fallamos em amor, mas os olhos dizem tanto...

— Os olhos! exclamou Paulina encolerizada; pois olhe, meu senhor, eu olhava para si como olho para o meu macaco! Ouvia?

— Valha-me ao menos isso; porque se me olhava como ao macaco, é porque me estimava; pois, segundo me disseram v. ex.^a adora o seu simãozinho...

— E ainda, por cima caçoa! Atrevido! O' mano... olha... está a rir-se... pouca vergonha!...

— Ah! ah! ah! ah! exclamava o conde ás gargalhadas; nunca imaginei passar uma tarde tão divertida!

— O' senhor Rogerio, disse Paulina, peço-lhe para que se retire immediatamente, e que não volte mais a esta casa...

— Não volte mais! exclamou de Maubert; pelo contrario, venha todos os dias para me fazer rir.

— Voltarei, disse Rogerio tomando o chapéu e a bengala; agora retire-me porque sou mandado; Mademoiselle de Maubert, senhor conde, recebam os meus respeitos e até outra vez.

— Atrevido! Malcreado! Insolente! exclamou Paulina depois de Rogerio sahir; e tu... a rires-te em lugar de lhe dares uma correccção!

— Mas afinal pergunto eu agora, quem é este ratão?

— Quem é? E' o meu cabelleireiro!

— O teu cabelleireiro! gritou o conde; ah! ah! ah! ah! cabelleireiro! O' mana, porque não casas com elle? Ah! ah! ah! ah!

— Olha! exclamou Paulina muito zangada sahindo pela porta fóra; sabes que mais? Mais nada! Vai bugiar!

Porto—15—3—87.

Annibal Leão.

Uma partida de Carnaval

Quando o Arthur entrou seriam talvez 9 horas. As senhoras sentadas em toda a volta da sala conversavam ruidosa e alegremente, tomando aos golinhos muito paulatinamente o chá fumegante e odorifero que o Juca offerencia com as suas maneiras saccudidas, tendo para todas ao entregar-lhe a chavena uns modos muito amaveis, uns sorrisos significativos, e umas meias phrases equivoacas que as comprometia muito, umas phrases, algumas que vinham bolir-lhes com os namoricos.

Os homens, cá fora, na ante sala negligentemente sentados, saboreavam tambem o chá fumegante, olhando de vez em quando para o salão á procura d'um olhar que lhes illuminasse a alma; os novos, é bem de ver, que os velhotes, esses, n'outra sala, muito attentos em volta das mezas do wist, e do voltarete, nem ouviam o que se passava cá fora, nas outras salas.

Quando o Arthur chegou, todos bendisseram a sua chegada; era um rapaz bemquisto das damas e dos cavalheiros.

Todos gestavam d'elle, amavel, attencioso, exímio walsista, e optimo cavaqueador, em qualquer parte que se achasse, todos o escutavam com attenção religiosa e todos lhe aceitavam as ideias cordatas e finas.

N'essa noute, porém, vinha serumbatico, triste, não parecia o mesmo.

Estranharam-n'o. Que terá o pobre rapaz? perguntavam.

Alguns amores mal correspondidos, diziam as raparigas gargalhando umas risadinhas fiescas e alegres, umas risadinhas trocistas.

De certo, de certo, resmungava ao fundo da sala o Antonio que n'essa occasião fallava com a D. Laura, muito animadamente.

E o Gastão ao vel-o passar, puchou-lhe ao de leve pela aba da cazaca e fazendo-o parar na sua frente disse-lhe: — Então, rapaz, isso é brincadeira de entudo, ou julgas que vens para um mbrtorio!

— Nem uma nem outra cousa, eterno chuchador, replicou Arthur.

— Então, então menino, isso que vem a ser? alguma paixãosita... heim...

— Não; nada d'isso.

— Hom'essa! Conta-me tudo, anda rapaz, senta-te ao pé de mim, desabafa, a D. Anna dá licença. Anda, conta-me tu...

— Pois sim, vou-te contar as minhas desgraças. A minha triste data de ha 6 horas e nasceu d'um desillusão que o Antonio me deu.

— Hum! hum! o Antonio... uma desillusão...

— Está-me a interessar essa historia, disse Gastão, sorrindo, e olhando fixamente o Arthur que lançava uns olhares comicamente rancorosos para Antonio que cada vez se tornava mais amavel para a D. Laura.

— Como sabes, eu, de vez em quando rabisco uns artigositos, muito sem arte, muito incorrectos.

— Não digas isso, menino, tu escreves bem, emendon o Gastão.

— Obrigado, são favores que não mereço. Pois, como te ia contando, eu de vez em quando escrevo uns artigos, e hontem tinha escripto um que queria publicado; fui ter com o nosso homem, e elle diz-me com uma franqueza unica: que não, que não se publicava, que estava muito... muito...

— Realista!..

— Não, não, é um termo que não me lembra agora... E' isto que vês; uma infelicidade pasmosa... Devo ou não estar triste?

— Oh! se deves! disse Gastão, rindo. Eu no teu caso dava até um tiro na cabeça... d'uma mosca.

N'esta occasião tocou-se para uma walsa e os pares começaram de girar. Quasi todos foram dansar, só n'um dos cantos da sala, muito animadamente conversavam os dous.

A walsa terminara, as damas começavam de sentar-se.

Em volta dos dous amigos reuniram-se varios rapazes e algumas senhoras, havia de vez em quando um gargalhar ruidoso, eram os dous que cantavam historietas alegres, pandegas. Ao Arthur tinha passado toda aquella tristeza fingida, comica, quando o Gastão lhe promettera uma partida ratona para se vingar do Antonio.

E o Gastão enquanto o Arthur entretinha a D. Angelica, a D. Cacilda, a D. Julia e a D. Sophia, com as suas anedoctas, veio cá abaixo á cozinha e pediu um ovo á Anna, a boa cosinheira.

Abrun-lhe com um affinete dous buracos e fez escuar toda a gemma, e toda a clara que n'elle havia.

— Demorou-se bastante, notaram as senhoras, quando elle se aproximou de novo do grupo.

Tinha estado a conversar com o Antonio, na sala do fumo, desculpouse Gastão, e ao ouvido d'Arthur:

E' chegado o momento da vingança.

Mal tinha terminado estas palavras, Antonio entrava na sala muito pensado, muito grave na sua pose de gentleman.

De todas aquellas boccas sahiu uma gargalhada altamente trocista.

Era d'elle que se riam, d'elle que trazia pegada a uma das abas da cazaca um ovo.

Riu tambem sem saber do quê, e continuou a passear no salão.

Era uma vingança de truz, dizia o Arthur, dando os parabens ao Gastão pela sua maravilhosa lembrança.

Quando porém o homem deu pela partida ficou muito corrido sem saber como explicar aquillo.

E a Mimi, uma creançasita de seus 7 annos, rindo muito com os seus olhinhos muito vivos, chamava a attenção da mamã saltando-lhe ao colo e perguntava injenunamente: — mamã, foi elle que o poz?...
1887. Antonio de Lemos